

UMA ANTROPOLOGIA DA GENTILEZA

Ieipari: Sacrifício e vida social entre os índios Arara, de Márnio Teixeira-Pinto. São Paulo: Hucitec/Anpocs/Editora UFPR, 1997, 414 pp.

Clarice Cohn

Logo de início, o autor adverte: "Ainda que esse livro trate explicitamente apenas dos Arara, é de suas semelhanças com outros povos indígenas sul-americanos, da recorrência dos problemas que levantam e das soluções que propõem ao nosso entendimento que gostaria realmente de tratar" (p. 20). Modéstia, talvez; mais provavelmente, porém, um sentido agudo do texto que produziu. Porque, de fato, ao tratar dos Arara o autor dialoga com os estudos mais instigantes que se têm produzido sobre os povos indígenas brasileiros. Esses textos, é verdade, são raramente citados, mas pode-se senti-los, a todo tempo, nas entrelinhas.

O tema do livro nos é apresentado de dois modos, ambos elegantes. De um lado, acompanhamos o desconcerto de "Velho" Milton, mateiro da Funai que participou do contato apressado pela construção da Transamazônica e marcado pela violência (os Arara, enquanto resistiam, deram aos brancos o tratamento reservado aos inimigos: a morte e o esquartejamento). Em seu convívio posterior com o grupo, "Velho" Milton não se conforma com a gentileza de trato que aqueles que o flecharam mostram em seu cotidiano. De outro lado, lemos sobre a realização da cerimônia *ieipari*, na qual os Arara cantam, dançam, comem e bebem ao redor de um tronco em que se exhibe o crânio do inimigo morto — ou, na atualização pós-contato, carente de troféus humanos, uma cabeça modelada em barro.

De um lado, a simultaneidade da capacidade de violência demonstrada e da gentileza que marca suas ações cotidianas, até mesmo com os brancos que antes esquartejavam. Não se contentando com a hipótese de que se trata de uma consequência da "pacificação", o autor passa a examinar as condições e os princípios que regem esse aparente paradoxo. De outro lado, a realização de uma cerimônia que poderia parecer um simulacro, mas que o leva a perseguir as múltiplas conotações do termo "*ipari*" — o qual, associado a "tronco" ("*iei*"), gera o nome do poste e da cerimônia que abre e

fecha o livro — e relacioná-las para inserir a cerimônia na vida social arara: termo de afinidade, é por ele que são referidos aqueles que brigaram nos tempos míticos e fizeram romper a casca do céu que levou à constituição atual do cosmos. Assim, o autor se volta à análise da afinidade e da cosmologia arara, que nos leva, enfim, às teorias de concepção e de circulação de substâncias vitais, à constituição da pessoa e seu destino pós-morte, ao xamanismo e sua relação com a caça e a predação.

A análise da história recente não se basta na descrição de seus acontecimentos e da mudança, mas busca o sentido que os Arara atribuem a eles e sua parte ativa nessas mudanças, que poderiam facilmente ser concebidas (como já o foram) de forma teleológica. O capítulo sobre a história é apresentado logo depois de um capítulo dedicado à cosmologia, e tem o subtítulo "Uma cosmologia do contato". Sendo uma reflexão sobre mito e história, é especialmente interessante por não se resumir à análise do sentido que os acontecimentos históricos ganham quando incorporados a um sistema cognitivo que os antecede, mas também por examinar as atitudes dos Arara frente a essa representação, que lhes é específica, dos eventos. Permite, portanto, que se entendam as razões e consequências das escolhas dos Arara.

A interpretação do parentesco recebe inspiração nos vários temas abrangidos pela retomada recente desses estudos pela etnologia das terras baixas da América do Sul. Tratando de um sistema classificatório intrincado, em que os termos de parentesco são combinados ora em um arranjo por ele denominado "horizontal", ora em um arranjo "oblíquo", o autor se vale de duas táticas para entendê-lo: uma equivalência lógica entre a mãe e a irmã e um gradiente de proximidade e distância.

A equivalência lógica de mãe e irmã é deduzida da equivalência do leite e da bebida fermentada, por ele longamente discutida, na aquisição da substância vital e da capacidade de reprodução. Se a mãe alimenta o filho de leite, as irmãs (nesse caso, dado o arranjo horizontal, as mulheres de sua geração e que permanecem em seu núcleo residencial natal) irão fornecer-lhe a bebida fermentada durante sua vida adulta em suas visitas ao núcleo residencial natal. Essa coincidência de papéis é utilizada para explicar a "torção" típica dos esquemas oblíquos, fazendo-nos lembrar dos argumentos dos estudiosos dos Jê para a compreensão de seus esquemas de parentes-

co e de sua aplicação, em que se recorre à conceitualização nativa para estabelecer uma clivagem entre os parentes com quem se liga por substância, termo caro a essa literatura, e aqueles que transmitem os nomes¹. Já o gradiente de proximidade e distância define a classe de indivíduos com quem se casa em uma categoria intermediária entre os consangüíneos próximos, residentes em sua casa natal e com quem se utiliza o esquema horizontal de classificação, e os estrangeiros, "pela maior distância possível dentro do próprio universo da consangüinidade [...], entre a maior proximidade e a maior distância social, entre a consangüinidade próxima e a afinidade potencial" (p. 261).

A relação dos vivos com os mortos é outro tema tratado com atenção neste livro. Desde o estudo já clássico de Manuela Carneiro da Cunha entre os Krahô², o qual demonstra que os mortos fornecem um campo privilegiado de reflexão sobre a sociedade e de elaboração da identidade e da alteridade, os trabalhos sobre as sociedades indígenas do Subcontinente têm voltado sua atenção para esse tema, com resultados quase sempre frutíferos. Nesse caso, os mortos revelam a ligação do corpo com o cosmos em suas várias transformações e "destinos escatológicos". Contudo, a morte é mais rentável aqui na sua oposição entre a vida solidária dos vivos e a solidão que impera na morte assim como nos diversos domínios cósmicos vigentes: "Se a oposição entre vivos e mortos importa é porque revela a natureza solitária e violenta da vida longe das relações solidárias e pacíficas que devem vigorar entre os seres humanos [...] os mortos se opõem aos vivos como a vida social se opõe ao que vigora para o resto do cosmos" (pp. 191-193).

Ao tomar a cerimônia como sacrifício, o autor a interpreta — assim como Eduardo Viveiros de Castro em sua revisão do canibalismo real tupinambá³

— como uma figura que aponta para o futuro, e que trata mais da produção social constante que de uma recuperação ou mera reprodução: "A moral da generosidade e da não-violência, os princípios éticos da gentileza e da reciprocidade, o ideal de um *socius* solidário devem ser a todo instante revistos, refeitos, reafirmados — o mecanismo é o sacrifício, operação capaz de deduzir do mundo as condições de possibilidade da vida social, forma simbolicamente produtiva de destruição" (p. 399). É assim que nos apresenta um mundo social constantemente produzido e reproduzido no contraponto à violência, à agressão e à solidão que vigoram em seu cosmos, instituindo a *moral* e a *ética* da generosidade que devem reger as relações sociais — nesse mundo dos vivos, na relação entre grupos e, de modo diferenciado, entre consangüíneos e entre afins. E é em torno disso que gira o *ieipari*, festa e livro.

Deve-se ressaltar, porém, que essa questão já havia sido identificada e explorada em um trabalho de Joanna Overing sobre os Piaroa da floresta venezuelana⁴. A autora demonstra a simultaneidade de uma retórica da vida social pacífica e da violência reservada às relações exteriores, ao trato das doenças e da morte, recusando assim os qualificativos de "guerreiras" ou "pacíficas" às sociedades, e conclui: "O verdadeiro assassino é o signo realmente 'vazio' mas semanticamente 'cheio' do canibal estrangeiro; esse é o segredo da 'paz' dos Piaroa em sua vida cotidiana". Se esse estudo sobre os Arara acaba por concluir pela produção contínua de um mundo social "solidário e pacífico" extraído de um cosmos no qual predominam valores que lhe são opostos, ele o faz, como aliás já indicado, ao longo de um trabalho extenso e detalhado, e de um modo relativamente independente do artigo citado. O que não nos deve impedir a comparação — o que se tenta ressaltar aqui é a autonomia do trabalho de pesquisa e análise, o qual, como se espera ter demonstrado, bebe de fontes diversas, mas as utiliza e recombina do modo que lhe parece adequado para a interpretação dessa realidade específica de que trata.

Essa produção do mundo social tem como *locus* privilegiado a cerimônia, mas se dá nos diversos momentos da vida social arara. Analisan-

(1) Para uma formulação desse tema, ver: Melatti, J. C. "Nominadores e genitores: Um aspecto do dualismo Krahô". In: Schaden, Egon (org.). *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. De fato, Teixeira-Pinto faz uma comparação de sua análise com aquela entre os Jê, explorando porém as diferenças — a ausência entre os Arara do dualismo e de grupos cerimoniais — e semelhanças entre os dois sistemas (pp. 301-303). O que gostaria de fazer notar aqui é a semelhança de procedimentos analíticos.

(2) Cunha, Manuela Carneiro da. *Os mortos e os outros*. São Paulo: Hucitec, 1978.

(3) Castro, Eduardo Viveiros de. *Araweté, os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Anpocs, 1986, pp. 658-659 passim.

(4) Overing, Joanna. "Images of cannibalism, death and domination in a 'non-violent' society". *Journal de la Société des Américanistes*, nº 72, 1986.

do-os separadamente, o autor permite sua percepção por diversos ângulos que se entrecruzam. No desenvolvimento de sua argumentação, os passos são dados em diálogo também com os próprios Arara. Levando a sério o que eles dizem de si mesmos, lição aprendida há décadas pelos estudiosos das sociedades indígenas sul-americanas, o autor ordena sua análise de acordo com um verdadeiro diálogo com as "teorias nativas".

Percorrendo os diversos capítulos em que se divide o livro, vemos esses ângulos serem ao mesmo tempo complementados e superados por outros. É portanto na soma de tudo (ou na justaposi-

ção, no cruzamento, já que, nesse caso também, o todo não se limita à soma das partes) que o sentido se faz. A etnologia sul-americana há tempos reclama da falta de estudos das sociedades indígenas e, portanto, da dificuldade de se fazer análises mais abrangentes e comparativas. Esse livro, um produto do esforço que toda uma geração vem empreendendo, mostra que essa tendência definitivamente se reverteu.

Clarice Cohn é mestranda do Departamento de Antropologia da USP e pesquisadora do Mari/USP.